

Equipe econômica nega "susto" e aposta tudo na estabilidade

Economia - Brasil

A liquidez está sob controle e o quadro da inflação é de estabilidade. Esta é a análise feita ontem na Secretaria de Política Econômica, do Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento, onde a reversão das expectativas empresariais que começam a apontar para a volta possível de uma inflação ascendente, não causa nenhum susto. Segundo explicações concedidas ao Jornal de Brasília por assessores do ministro Marcílio Marques Moreira, a emissão de Cr\$ 3,975 trilhões de papel-moeda ocorrida em dezembro último, e que alimentou o crescimento de 42,6% da base monetária naquele mês, esteve rigorosamente dentro das previsões oficiais em decorrência das sazonais naturais de fim de ano (pagamento do 13º salário, acertos de débitos, elevação do nível de vendas etc).

Nem mesmo a desova de cruzados novos verificada ontem, de quase Cr\$ 2 trilhões, chega a preocupar os técnicos do Governo, em primeiro lugar porque aproximadamente 60% desses recursos deverão continuar depositados na forma de poupança dos DER (Depósitos Especiais remunerados) e, em segundo lugar, porque parte desses recursos vai ser canalizada para o pagamento de dívidas, sendo destinada uma parte muito pequena para o consumo.

O Governo, contudo, está atuando de forma sistemática no mercado, enxugando-o através do

Para Dorothea, queda é certa

A secretaria nacional de Economia, Dorothea Werneck, garantiu ontem que a tendência de queda da inflação em 1992 é segura. "Não há pressão de demanda que sancione aumentos de preços", afirmou. As informações coletadas pelo governo mostram que as negociações entre varejo e indústrias para renovação dos estoques estão acirradas. "A inflação de janeiro, mesmo ficando acima de dezembro, não deve alterar a tendência de uma linha decrescente da inflação", disse Dorothea

lançamento de novos títulos da dívida pública (Cr\$ 968,57 bilhões em dezembro e Cr\$ 1,6 trilhão em janeiro), maior atuação na cobrança de impostos e postergação da liquidação de débitos da União, de modo a garantir a economia contra quaisquer excessos nos movimentos de liquidez.

Não tem havido, segundo os assessores do ministro Marcílio, nenhum movimento preocupante que possa pôr em risco o controle da política monetária apertada, exercida pelo Governo desde setembro último e cujos efeitos principais são as elevadas taxas de juros.

Os juros, segundo eles prognosticam, não somente continuaram elevados, como tendem a subir nos próximos dias ainda um

pouco mais. Esses efeitos, conjugados com a recessão, respondem pela tranquilidade mantida pelo secretário Roberto Macedo, diante das expectativas altistas de alguns setores do mercado, com vistas ao futuro da inflação.

Tudo o que se passa hoje no campo da inflação, segundo afirma no Ministério da Economia, está na área das expectativas e dos efeitos psicológicos. Rigorosamente, segundo se diz ali, não há nenhum fator econômico que explique uma nova alta da inflação ou a sua manutenção num patamar de 25%, a não ser alguma perturbação de preços dos produtos agrícolas, que tende a se extinguir já em fevereiro, com a entrada da nova safra no mercado. O que há mesmo é um jogo de expectativas.

Espera-se no Ministério da Economia, contudo, que esse quadro de expectativas adversas não terá muito fôlego, devendo reverter-se a partir de março.

Nem mesmo a aprovação dos 147% de reajuste para os aposentados poderá tumultuar o quadro inflacionário, a partir de um desajuste fiscal, já que os recursos do reajuste devem ser cobertos com a elevação de alíquotas ou outras providências que não a emissão de moeda, obviamente, segundo se entende no Ministério da Economia, onde o clima é de otimismo com relação a um desfecho do assunto no Congresso, que não ponha em risco a estabilidade fiscal do Governo.

JORNAL DE BRASÍLIA